

COMO A ARTE PODE MUDAR O MUNDO

Luciana Leiderfarb

Sobre o XII Encontro Internacional de Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano & I SenseSquared Conference - Becoming Through the Senses: Towards Artistic Ways of Being in the World que teve lugar a 26 de novembro de 2022 na Fundação Calouste Gulbenkian.



Como a arte pode mudar o mundo

Por Luciana Leiderfarb¹

O paradigma cognitivo da educação entrou em crise, agoniza sem remédio. São tempos de voltar ao que nos distingue como humanos. Não somos, apenas, cérebro. Temos um corpo. Temos mãos. Temos mães. E as mães cantam. A música e a arte têm de regressar urgentemente ao sistema educativo. É isto o que se ouviu a 26 de novembro de 2022, no XII Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano, que decorreu na Fundação Gulbenkian, pela primeira vez associado ao projeto Erasmus+ SenseSquared - Towards an artistic attitude in education and society.

É sábado de uma manhã outonal em Lisboa e, numa sala da Fundação Gulbenkian com vista para o jardim, o XII Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano e I SenseSquared Conference está prestes a começar. Olhando para trás, doze anos é uma pequena vida, o tempo que o ser humano leva a adquirir um self, um eu (quase) autónomo. Este 'quase', na verdade, aplica-se a todas as idades, razão por que um evento já autónomo como este ainda se encontra à beira de uma primeira vez.

Assim como, em 2010, a criação do Laboratório de Música e Comunicação na Infância do CESEM, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, dava lugar ao Colóquio Internacional Música, Comunicação e Desenvolvimento Humano; assim como, na sequência desse arranque pleno de significados, nasciam os projetos Opus Tutti e GermInArte, da Companhia de Música Teatral (CMT), com apoio da Gulbenkian, em 2022 assinala-se o início de mais uma parceria, desta feita com o projeto Erasmus+ SenseSquared - Towards an artistic attitude in education and society.

Regressa-se, avançando, à pergunta primordial que moveu as ações anteriores e que continua a ser mais do que pertinente: como é que uma abordagem sensorial e uma atitude artística podem contribuir para uma educação rumo a um mundo mais conectado e sustentável? Se uma só resposta resulta impossível, esta questão abre um debate transversal a vários países e sociedades. Graças a esta nova parceria, o XII Encontro pôde ser um encontro entre iniciativas vindas de lugares muito distintos, cada um em busca de

¹ Natural de Buenos Aires, licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Iniciou-se no jornalismo em 1992, no Jornal de Letras, tendo nos anos seguintes colaborado com a RDP e com as revistas "Grande Reportagem" e "Ler", entre outras. Dedicou-se também à tradução. Escreve no "Expresso" desde 1996.

perceber de que modo uma educação mais ‘artística’ pode simbolizar o retorno da educação ao que o humano tem de mais humano. O evento foi, por isso, construído em modo de curadoria conjunta entre vários países, cabendo à CMT a representação de Portugal.

Sábado, manhã outonal e ensolarada, jardim ao lado: Gry Worre Hallberg talvez não tivesse contado com que o cenário se adequasse tanto à sua proposta de “aprendizagem sensitiva & Self Poético”, por meio de um exercício de meditação que fez o auditório — presencial e aquele constituído pelas mais de cem participações via Zoom — fechar os olhos e deixar-se levar pela voz de Gry. Se os abrissem, veriam desfilar à sua frente fotografias a evocar: um cais, uma mulher numa floresta de faias, mãos num teclado que guiam outras mãos, velas acesas e camas alinhadas num dormitório vazio, sombras e uma criança adormecida numa mesa cheia de livros e papéis. E veriam a fundadora do projeto Sisters Academy e do método The Sensuous Society: Beyond economic rationality, que explora como as qualidades do sensitivo se relacionam com um futuro mais sustentável. Doutorada na Universidade de Copenhaga, Gry foi, em 2021-22, nomeada IETM Global Connector.

Agora, é hora de abrir os olhos.

A voz humana

Kirsten Halle é professora associada da Universidade de Stavanger, na Noruega. Formou-se em canto para desaguar no Departamento de Educação Infantil daquela instituição. Não é por acaso: canto e infância estão intimamente ligados. “Vou falar da voz humana, um fenómeno que sempre me interessou, e vou começar pelas vossas vozes humanas”, disse Halle ao auditório, seguindo-se um exercício vocal que serviu de preâmbulo para uma reflexão mais profunda e mais vasta. Porque, todos nós, nascemos para cantar, para nos expressarmos e conectar-nos através do canto. Não há povo ou cultura conhecidos que tenham prescindido das canções de embalar — por ser “a única língua que os bebés compreendem”. Antes de pensar discursivamente, pensamos musicalmente.

Parece uma verdade inabalável e, até, bastante óbvia. Mas o sistema educativo atual tem tendido a ignorá-la. “Estou preocupada com a ausência do lado musical e do canto nas práticas educativas do presente”, confessa a docente, pois isso significa que as crianças deixam de ter voz. Na Noruega, conta ela, “o Governo está a aumentar para 1.159 o número de aulas de matemática e aritmética”. Esse ‘não-caminho’ coloca os desafios da educação num patamar elevado. “As crianças estão mais stressadas do que antes, abandonam mais a escola do que antes. Há que repensar uma educação que incremente a

prática musical, de modo a incluir o que nos torna humanos e nos permite estar em conexão com o mundo.”

O homo sapiens sobreviveu graças “à habilidade de sincronizar duas melodias, à capacidade criativa de expressão pelas artes”. E essa dimensão estética que nos permitiu subsistir e evoluir como espécie é precisamente aquilo que falta em todos os setores da educação. Se as competências cognitivas são importantes, serão o “mais importante”? A resposta de Kirsten Halle é que, sendo que as crianças brincam espontaneamente através da expressão musical, essa musicalidade não pode ser minorizada e deve ser encorajada. “Precisamos de professores com competências musicais, mas sobretudo que saibam para que servem e porque são relevantes”, explica. No fundo, porquê cantarmos? Numa primeira abordagem, cantamos para promover o bem-estar, para sermos ouvidos e nos expressarmos, para criar um sentimento de pertença, para treinar competências sociais e emocionais (“a música é uma atividade empática, de sincronização com os outros”), para melhorar todos os níveis de aprendizagem. Mas há mais. Cantamos porque fomos dotados de um sistema muito complexo de competências auditivas, ao ponto de um bebé diferenciar e preferir a voz da mãe a qualquer outra. Cantamos porque cantar é um potente “laboratório mental”, porque favorece a neuroplasticidade. Kirsten mostra a imagem de uma mãe a amamentar de olhos fixos num telemóvel. “Vivemos numa época em que nos tornamos peritos em comunicar através da tecnologia. Comunicamos mais do que nunca. Mas qual a qualidade dessa comunicação? A minha ideia é que também nos tornámos supercompetentes em desconectar.”

Quem o pode negar?

Para uma etnografia dos corpos

Estamos programados para definir a aprendizagem como um processo meramente cognitivo e demonstrativo. Acontece que não o é. Quem o diz é uma médica que exerceu a profissão e que, um dia, decidiu tentar compreender a prática médica a partir de outros ângulos. A australiana Anna Harris formou-se então em antropologia, especializando-se em etnografia, e atualmente trabalha com uma equipa de antropólogos e historiadores que, na Universidade de Maastricht, desenvolvem o projeto Making Clinical Sense, financiado pelo European Research Council. “A antropologia é um saber que se constrói pelo contacto direto com as comunidades, a participação e a observação. E as comunidades não são simplesmente um objeto de estudo”, começa a investigadora.

O que ela pretendia era perceber o que se passa durante a aprendizagem: até que ponto o modo como acontece condiciona o que se aprende. Porque aprender, diz Anna, é uma

atividade física que ocorre num determinado contexto e usando um certo tipo de utensílios. “Era preciso atender aos detalhes sensoriais dos ambientes estudados, fazer uma etnografia sensorial e consciente. E a medicina tem uma materialidade muito específica, em que se aprende com o próprio corpo.”

No âmbito do projeto Making Clinical Sense, foi possível verificar, primeiro, que os médicos estão cada vez mais rodeados de tecnologia. Depois, as diferentes narrativas dos lugares onde se ensina medicina — neste caso, fotografias de vários espaços distintos, em África como na Europa, ajudaram a perceber de que elementos materiais se compõe cada proposta pedagógica.

Ficou também claro que a improvisação e a imaginação fazem parte diariamente do ensino, numa área de grande exatidão onde isso é pouco assumido. Uma luva de látex vazia e outra cheia de água podem servir para exemplificar o que é um saco amniótico.

O saco de onde nascemos.

A arte de afinar o mundo

E eis que no ecrã se lê: “Afinando pássaros e flores #2022.” O compositor Paulo Maria Rodrigues, membro fundador da Companhia de Música Teatral e professor da Universidade de Aveiro, já está ao microfone para explicar como é que se afinam os pássaros e as flores. A ideia, refere, é passar em revista aquilo que a CMT fez de mais importante este ano, sempre orientada pelos princípios básicos que têm norteado a sua atividade desde há quase um quarto de século. Além de “olhar para os projetos artísticos como laboratórios multidisciplinares”, estes são “contextos de observação e estudo da comunicação humana” e ferramentas que visam contribuir para o desenvolvimento humano.

Todo o trabalho constitui-se como uma constelação artístico-educativa, em que a partir de uma ideia nascem outras associadas a outros projetos — que tanto podem assumir a forma de uma conferência, um espetáculo, uma performance, uma formação ou uma instalação. No fundo, trata-se de “afinar a relação das pessoas com elas próprias, com os outros e com o ambiente”, diz Paulo. Por isso não surpreende que, em Famalicão, tenha surgido a “Metamorfose”, uma instalação num parque a partir de uma árvore morta transformada em instrumento musical, que os passeantes podiam experimentar. Ou que “Jardins Interiores” seja o nome dado a uma formação imersiva, de uma semana de trabalho intenso, que desemboca na criação de uma peça original.

De acordo com a mesma noção, a peça “Noah” procura, através da expressão artística, abordar os problemas do ambiente e do planeta. E aqui é o homem que cria o dilúvio, em

vez de Deus. O “Murmuratorium”, metáfora dos pássaros e da murmuração que geram, foi uma instalação ligada a uma performance original, levada a cabo em Aveiro e nos Açores. De aves também fala “Mil Pássaros”, exposição com filme de Luís Margalhau que teve lugar na Estufa Fria, em Lisboa, em outubro de 2021, e que aproveita os Orizuros que resultaram de um trabalho oficial com as escolas. “Tentamos pensar como poderia ser um mundo onde os pássaros fossem desejos e pudéssemos viver em conjunto”, esclarece Paulo Maria Rodrigues. A iniciativa “Jardim Orizuro”, para crianças e idosos nos centros de dia, é outro anel da mesma constelação.

Abordou-se também do projeto Deep Listening/Deep Sea(ing), feito em colaboração com biólogos marinhos. “Considera-se ‘profundo’ o que está a mais de 300 metros, e isso engloba a maior parte do oceano, que pode ter uma profundidade de 10 mil metros. Esse universo e esses sons são desconhecidos pela maioria da humanidade. Corremos o risco de o destruir sem o conhecer verdadeiramente.” Neste projeto, os dados fornecidos pelos biólogos serviram para que crianças e adolescentes criassem universos sonoros possíveis, “casando” a ciência com a arte e dando origem a workshops em que as crianças gravam as suas próprias composições, usadas por sua vez noutros workshops para sonorizar filmes, com o objetivo de “criar um mapa sonoro”. Uma Cartografia Sonora Imaginária — ou aquilo que imaginamos ser o som a uma profundidade extrema.

Falando de água, o espetáculo “Aguário” é-lhe dedicado, assim como as ‘oficinas de água’, uma proposta de residência de uma semana com turmas escolares. E falando de terra, o seu oposto complementar, em 2022 aparece “A Canção da Terra”, fortemente inspirada em Mahler, em que se conta uma nova versão do início do mundo. A história da terra e a música que a terra fazia antes da chegada dos humanos, que a mudaram. “Foi um ano fértil”, conclui Paulo. De seguida fala da caixa que colocou lá fora, à entrada do Auditório, na qual cada participante é convidado a introduzir um papel com perguntas, sugestões ou, simplesmente, frases. Para que serve?

Para fazer uma ópera sobre o que aqui se passou.

Uma casa em transfiguração

A Casa de Marres é uma das seis instituições culturais holandesas públicas para a experimentação nas artes visuais. Situada em Maastricht, a cada três meses muda de feições para se adaptar à proposta dos diferentes artistas convidados. Cada um toma conta do espaço, transformando-o, intervindo nele como numa tela em branco. Ilse van Lieshout é quem, desde há cinco anos, chefia o departamento educativo deste centro, ao mesmo tempo que integra o programa de pesquisa da Universidade de Maastricht dedicado a uma

aprendizagem superior baseada nos sentidos. “Temos de avançar para o conhecimento ao nível do corpo, porque conhecer não é um processo que passa apenas pela cabeça”, diz a responsável, notando que “a atitude artística é uma atitude básica que tem de estar presente no sistema educativo”. Ora, esse modo artístico de pensar e de agir, que equivale a estar presente no mundo com o corpo, parece estar fora da educação, que “caminha para o desastre”.

É um facto que a primeira imagem que uma criança desenha é uma enorme cabeça com pernas. Mais tarde, ela será capaz de desenhar o corpo, dando à cabeça a sua devida dimensão. “Se não o fizerem aos sete anos”, sublinha Ilse, “algo se passa a nível emocional”. E isto acontecer é cada vez mais comum. Em Marres, vários projetos tentaram abordar esta questão: redimensionar o conhecimento cognitivo de modo a que o emocional tenha lugar. Por exemplo, o “Invisible Collection” consistiu em pedir a alguém para descrever uma obra de arte com palavras, enquanto os interlocutores eram instados a imaginá-la e a representá-la apenas com recurso a uma pequena caixa de cartão com um feijão lá dentro. Ilse requereu que o auditório também o fizesse, e os resultados não podiam ter sido mais diversos.

Em 2019, o projeto Eye-I, que decorreu durante seis sábados de intensa colaboração entre 25 jovens de diferentes países, partia da pergunta sobre qual é a nossa identidade em total liberdade, isto é, o que está por detrás dos nossos olhos. E o que é que essa liberdade representa para nos tornamos naquilo que queremos ser.

E como saber quem somos e o que queremos?

Viajantes dos sentidos

Quando Hans Van Regenmortel chegou ao microfone deste Encontro, do qual era o último conferencista, esclareceu logo que iria realizar uma “pequena viagem entre cinco paisagens”. Coordenador artístico do Musica Impulse Center, na Bélgica, este professor de violino e música criativa começou por se interrogar sobre o significado de pensar. “Pensar é uma mistura de memórias, emoções, experiências e equívocos”, disse. No fundo, é um exercício nómada profundamente arreigado no espírito humano que urge reviver, “a bem da educação”. Se fecharmos os olhos e imaginarmos um mundo formado apenas por signos, como é que este seria? Que cheiros, que sons teria? Uma coisa é certa: tratar-se-ia de um mundo previsível, despido de expectativas ou de compulsões ou de mudanças. Um mundo no qual os sentidos não fariam qualquer falta. “Nem seríamos capazes de lá estar, porque a nossa simples presença o perturbaria.”

Termos sentidos faz toda a diferença em termos da percepção e da configuração da realidade. Graças a eles, somos capazes de dar e de receber. Um dos grandes paradoxos da existência humana é sermos diferentes precisamente por sermos similares, variações de um mesmo tema — diferentes na partilha de uma mesma natureza. O século XX, explica Hans, “focou-se num ‘zoom in’”, numa visão dos detalhes, perdendo a capacidade de ver a paisagem por inteiro. E esta é a razão principal para a crise na educação. Torna-se preciso reverter este movimento, fazendo um ‘zoom out’ que recupere esse olhar mais amplo e possa questionar se o que víamos antes ainda faz sentido. Roberto Llinas disse: “O cérebro evoluiu porque as criaturas precisavam de se mover.” E ‘emoção’ etimologicamente vem de ‘ex movere’, isto é, “um estado da mente estável que é perturbado”, ou aquilo que empurra o corpo para a ação.

No início, a compreensão do mundo não passa pelo pensamento racional. Por isso, este não pode ser a base da educação. “Ter um cérebro serve apenas para ativar o movimento”, explicita Hans Van Regenmortel, “o que quer dizer que pensar é fazer uma abstração do movimento”. Inteligência — do latim ‘inter legere’ — quer dizer ‘escolher entre’, fazer escolhas acertadas. Ora, temos deixado que as crianças façam as suas escolhas? Se a arte é um espaço de liberdade, o que é a educação sem arte? É sequer possível? Olhar para o caso dos bebés pode ser esclarecedor, porque durante muito tempo se pensou que eles não têm consciência. De facto, a sua pequenez remonta ao homo habilis, o homínido que viveu no Pleistoceno inferior há pelo menos um milhão de anos. Nesta espécie, os bebés nasciam com a cabeça cada vez maior do que a pélvis da mãe e isso levou a que começassem a vir ao mundo cada vez mais prematuros. Mas serem tão pequenos não lhes retira a humanidade, torna-a sim mais básica, mais elementar, mais despida de conceitos.

A música é uma forma de os adultos se referirem a essa comunicação básica que acontece nos primórdios da vida humana e a define, e a alimenta. A musicalidade não é uma faculdade, mas um comportamento.

A música é comunicação primeira.

Da fala ao papel, do papel à ópera

O final do XII Encontro (e I SenseSquared Conference) teve a visita do Dr. Fortuna, que veio direto do seu atelier criativo e robótico, sem sequer retirar a muito usada bata branca, ladeado pelas suas duas assistentes. Apareceu com um ‘cyberboard’, instrumento musical da sua exclusiva autoria elaborado com uma tábua de passar a ferro e o ferro propriamente dito. Apresentada a nova invenção, deu-se a entrada da famosa, única, inimitável diva La Pavone, que, com acompanhamento de ‘cyberboard’, emprestou a sua voz de soprano às

perguntas e frases feitas pelo público. Claro que La Pavone nem sempre gostou do que leu, achou aborrecido e amarrotou o papel ou emocionou-se até às lágrimas que a impediram de cantar. Formulou num inglês irrepreensível as questões que se dirigiam aos participantes estrangeiros.

Ao sair de cena, Helena Rodrigues, da CMT, anfitriã do evento, anunciou que o próximo decorrerá daqui a um ano, a 25 de novembro de 2023, e lembrou estes versos de Rui Belo:

Os pássaros nascem na ponta das árvores
As árvores que eu vejo em vez de fruto dão pássaros
Os pássaros são o fruto mais vivo das árvores
Os pássaros começam onde as árvores acabam
Os pássaros fazem cantar as árvores
Ao chegar aos pássaros as árvores engrossam movimentam-se
deixam o reino vegetal para passar a pertencer ao reino animal
Como pássaros poisam as folhas na terra
quando o outono desce veladamente sobre os campos
Gostaria de dizer que os pássaros emanam das árvores
mas deixo essa forma de dizer ao romancista
é complicada e não se dá bem na poesia
não foi ainda isolada da filosofia
Eu amo as árvores principalmente as que dão pássaros
Quem é que lá os pendura nos ramos?
De quem é a mão a inúmera mão?
Eu passo e muda-se-me o coração.

Até já.